

**HISTÓRIAS
VIVIDAS
EM PROSA**

MARIFELIX LOPES SALDANHA

**HISTÓRIAS
VIVIDAS
EM PROSA**

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO: Marifelix Saldanha

TÍTULO: Histórias Vividas em Prosa

AUTORA: Marifelix Saldanha

CAPA: Sítio do Livro

REVISÃO E PAGINAÇÃO: Paulo Silva Resende

1.ª EDIÇÃO

LISBOA, 2011

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Publidisa

ISBN: 978-989-20-2554-4

DEPÓSITO LEGAL: 329628/11

© **MARIFELIX SALDANHA**

PUBLICAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Sítio do Livro, Lda.

Lg. Machado de Assis, lote 2, porta C — 1700-116 Lisboa

www.sitiodolivro.pt

Aos que me ensinaram a ver

a verdadeira cor da alegria
a serenidade da vitória
a irreverência da tristeza
a musicalidade da vida

Sônio Lúcio Saldanha (*marido – in memoriam*)

Hanna Beatriz

Wallace Rodrigo

Haniel Fernando

PREFÁCIO



Este livro é destinado àqueles que aproveitam as horas do dia para saborear pequenas histórias, deixando-se levar sem pressa de acabar.

Com certeza o leitor vai encontrar palavras que o fazem viajar no tempo. Talvez até mesmo para o lembrar de um momento em que está adormecido na sua mente e, se calhar, amparar-se-á nalguma frase que estava prestes a dizer mas que insistia em não deixar escapar.

Vale a pena dizer que não há aqui qualquer fragmento de literatura, apenas pensamentos despertados pelas cenas do quotidiano, comuns a todos nós.

Encontrará aqui palavras de uma observadora da vida, alinhavadas em prosa.

A autora

Marifelix Saldanha

TREM DO JOÃO



Canta. O vento ora canta, ora chuveisca, e o sol fugiu. As portas da casa velha continuam fechadas, o senhorzinho aquece o corpo sob as cobertas de lã feitas da natural vestimenta das ovelhas, lá das aldeias distantes lá da cidade grande. O filho do senhorio chega cansado, vem do trabalho longo do dia. Abre a torneira mas ela está seca, a água acabou. Senta-se e espera, com fome e sono, mas espera. Por fim, adormece. A porta abre-se e alguém o chama: “Ó João, vamos seguir!”. “Seguir o quê?” – É o Tião, o filho do senhorio. – “Seguir o nosso rumo, arrumar nossa vida.” Tião vê a mesa, o café esfumaça, o aroma imenso fá-lo acordar. A água chegou, o pai acordou, deixou as cobertas, o dia raiou. Tião sai depressa com o velho João e, subindo a ladeira da rua direita calçada de pedras, com altos e baixos, poucas pessoas se vão engendrando caminhos fora, com passos apertados, tomando cuidado. É hora do trem, do trem que vai e vem, que chega e que sai, pois é do João, do Tião, do povão que corre com ele, dentro dele em busca do pão. E o

dia começa, mas o João já lá grita: “Pega na enxada, Tião, começa a cavar, a arar e a cuidar, a plantar a semente para brotar. Não penses que a árvore cresce sozinha; ela precisa de terra, água e carinho. Se queres crescer, Tião, é bom que tu plantes no teu coração a semente que esparge o amor e o perdão.”

Senhor João, homem velho, prudente e esperto, às vezes imponente, mas sempre discreto no que se lhe apegue, quer no trabalho da vida do campo ou no bar da esquina onde aquece o peito com um trago de mel ou um copo de vinho. Assim leva a vida cheio de graças, também de esperteza, mas bondade é o que não lhe falta. Este é o vizinho do seu senhorio, pai do Tião, da rua de baixo, atrás do ribeiro que passa no posto da Quinta do Bairro Alto. Ou Baixo? Não sei, só sei da morada na velha cidade que é cheia do encanto, do mistério e beleza dos velhos rincões.